

Entrevista com George Reid Andrews

Fabiane Popinigis*

Entrevista realizada na Universidade de Pittsburg
em 8 de novembro de 2024

GEORGE REID ANDREWS é professor emérito do Departamento de História da Universidade de Pittsburgh e membro do CLAS (Center for Latin American Studies) na mesma instituição. Andrews é um destacado pesquisador na formação do campo de estudos históricos da diáspora africana e as relações raciais na América Latina, reconhecido como um dos responsáveis pela criação do campo de estudos de história da América Afro-Latina. Desde a década de 1980, publicou diversos livros de grande impacto, com pesquisa original e inovadora, tanto sobre países diferentes (Argentina, Brasil e Uruguai) quanto impressionantes sínteses sobre a região. No primeiro livro, *The Afro-Argentines of Buenos Aires, 1800-1900* (University of Wisconsin Press, 1980) o autor abordou o suposto desaparecimento da população afrodescendente em Buenos Aires, investigando a partir de fontes diversas, como memorialistas, relatórios, censos e a imprensa negra, a presença negra no processo de independência argentina e a sua organização e cultura associativa portenha no século XIX. No livro seguinte, *Blacks and Whites in São Paulo-Brazil (1888-1988) – Negros e brancos em São Paulo, Brasil (1888-1988)* –, Andrews tratou do período da abolição até a efeméride das comemorações dos 100 anos da abolição da escravidão, investigando as formas de inserção dos trabalhadores nacionais no mercado de trabalho e discutindo o impacto do racismo nesse processo, bem como as formas de organização e resistência dos trabalhadores negros. O autor voltou a estudar a especificidade de um país sul-americano em *Blackness in the White Nation: A History of Afro-Uruguay* (University of North Carolina Press, 2010), tratando da centralidade dos afrodescendentes na formação cultura popular do país através de suas formas musicais. O livro foi um marco na história dos afrodescendentes no Uruguai, inspirando muitos outros trabalhos posteriormente.

* Doutora em história social pela Unicamp, professora associada da UFRRJ, bolsista de produtividade pelo CNPq e Cientista do Nosso Estado (CNE) - Faperj. Atuou como *visiting scholar* no Center for Latin American Studies da Universidade de Pittsburg em 2024. E-mail: fpopinigis@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5218-0566>.

Antes disso, em *Afro-Latin America, 1800-2000* (Oxford University Press, 2004), ele expandiu sua pesquisa para toda a região, definindo a América Afro-Latina como o grupo de nações sob domínio de Portugal e Espanha entre 1500 e 1800, cuja população de descendência africana constituiu de 5 a 10% ou mais do total, e cujos indivíduos tiveram em comum a escravidão e a experiência da agricultura de *plantation*. O livro examina “como as sociedades latino-americanas usaram ideias sobre raça para reservar riqueza e poder para aqueles membros definidos como “brancos” e para negar esses bens aos membros definidos como ‘pretos’ e ‘pardos’” (p. 6). Andrews atualiza a pesquisa e os debates sobre o processo de invisibilização da presença africana na América Latina em *Afro-Latin America: Black Lives, 1600-2000* (Harvard University Press, 2016), mostrando que os africanos e seus descendentes foram elementos centrais na criação daquelas sociedades. Nesse livro ele investiga também as maneiras pelas quais, ao longo do século XX, a narrativa da invisibilidade e seus registros foi combatida pelos movimentos organizados de trabalhadores e intelectuais negros e pelas investigações mais recentes dos historiadores.

Tendo como proposta apresentar um estado da arte da historiografia sobre a América Afro-Latina, a obra *Afro-Latin American Studies: An Introduction* (Cambridge University Press, 2018), coeditada com Alejandro de la Fuente, reúne reconhecidos pesquisadores do campo para abordar aspectos diversos e abrangentes sobre cultura, política e sociedade. É importante ressaltar que o livro tem edição em português e espanhol e está disponível on-line para *download* gratuito, ampliando e democratizando a possibilidade de acesso pelo público interessado. Mais recentemente, em coautoria com Paulina Laura Alberto e Jesse Hoffnung-Garskof, Andrews publicou o livro *Voice of the Race: Black Newspapers in Latin America 1870-1960* (Cambridge University Press, 2022), uma coleção de jornais da imprensa negra do Brasil, Argentina, Cuba e Uruguai. Os jornais da imprensa negra foram fontes fundamentais para seu próprio trabalho e para o desenvolvimento de pesquisas no campo da história da América Afro-Latina.

Ao longo de sua carreira e de sua produção impressionante (além dos livros, Andrews é autor de dezenas de artigos publicados em inglês, português e espanhol), o autor esteve em constante diálogo com os movimentos negros e seus integrantes locais. Como intelectual engajado, o autor construiu, ao longo de sua carreira acadêmica, um legado de investigação sobre as desigualdades de raça e classe para estudos comparativos entre as sociedades latino-americanas com os Estados Unidos, bem como as formas de organização e lutas por direitos das comunidades negras naqueles países e suas conquistas.

Andrews pesquisou, de forma pioneira, sociedades em que a presença negra foi invisibilizada, ou onde a sua inserção no mercado de trabalho foi tratada como uma inadaptação devido a uma herança da escravidão. O conjunto de sua obra é inequívoca e inspiradora contribuição à luta antirracista e por justiça social, para o que ele mesmo descreveu como uma tentativa de recolocar as pessoas negras no seu lugar de direito na

história dos respectivos países desde o fim da escravidão, nos processos de trabalho e de construção de identidades nacionais e, sobretudo no pós-abolição. A obra do professor George Reid Andrews é, portanto, incontornável referência para as novas gerações de pesquisadores interessadas numa história engajada da diáspora africana na América Latina, fundamentada em rigorosa pesquisa empírica.

Esta entrevista foi gentilmente concedida durante minha estadia no CLAS, na Universidade de Pittsburgh, no segundo semestre de 2024, quando tive o prazer e a honra de assistir a algumas das aulas do professor Reid Andrews em sua disciplina Latin American Readings, para a pós-graduação.

Fabiane Popinigis: Você é um historiador pioneiro ao estudar questões relacionadas à raça e ao racismo em países da América Latina, em que se afirmava praticamente a inexistência ou a irrelevância dos negros na história como no caso da Argentina (1980), seu primeiro livro, e do Uruguai, em pesquisa bastante posterior (2010). No seu primeiro livro, *Os afro-argentinos em Buenos Aires*, você escreveu que o objetivo era “recolocar os afro-argentinos na história e apagar os 100 anos de atraso nessa tarefa”. O que o levou a interessar-se pelos temas das desigualdades sociais e raciais na América Latina?

George Reid Andrews: Eu não tenho certeza do que me levou a esse interesse, mas diria que começaria me colocando no momento histórico, que foi quando entrei na pós-graduação em 1972. Fiz a graduação nos anos 1968-1972 e, claro, essa foi uma época de grande fermentação social e movimentos sociais nos EUA: o movimento pelos direitos civis e o movimento contra a guerra do Vietnam, que estavam conectados de várias maneiras. Então, este era o ambiente quando eu estava na faculdade.

Depois, eu fui para a pós-graduação na Universidade de Wisconsin, que era um importante centro de ativismo antiguerra. Um dos prédios do campus foi explodido naquela época em um protesto contra a guerra (do Vietnam), uma pessoa foi morta. Esses movimentos estavam muito no ar, e eu estava lendo sobre a história da América Latina e a desigualdade social. A desigualdade socioeconômica é um aspecto central dessa história, mas a maneira como entrei na questão racial foi, na verdade, uma espécie de coincidência: eu estava em uma sala de espera em um banco com minha esposa. Ela estava se preparando para começar a pós-graduação e foi ao banco para abrir uma conta. O banco ficava num bairro majoritariamente negro em Chicago, e as revistas na sala de espera eram as revistas *Ebony* – você conhece *Ebony*? Não existe mais. Foi uma importante revista negra por muitos anos nos Estados Unidos, e em uma dessas revistas, na sala de espera, encontrei um artigo sobre “Argentina: a terra dos negros desaparecidos”.¹ Eu estava procurando um tópico de dissertação naquela época e já tinha ouvido falar sobre essa questão histórica, de que a população negra era uma parte

¹ THOMPSON, Era Bell. Argentina: Land of the Vanishing Blacks. *Ebony*, p. 74-85, out. 1973.

importante da população nacional em 1800, mas já por volta de 1900 aquela população não existia mais. O que aconteceu? E como parte da minha formação de pós-graduação, eu havia feito um curso de demografia sobre como analisar censos. Então pensei que poderia usar os censos argentinos para acompanhar esse processo de desaparecimento e ver como a população negra desaparecera na Argentina. E foi assim que entrei na área geral dos estudos afro-latino-americanos, com o propósito de escrever uma dissertação.

No entanto, quando fiz a pesquisa, descobri que os censos mostravam que a população negra continuava a existir até quando os censos pararam de coletar dados sobre raça, que foi em meados (1850) do século XIX. Por isso, para aquele momento, você não podia mais usar os censos para estudar a população negra, mas continuei encontrando muitas evidências da existência contínua dessa comunidade, especialmente de uma ativa imprensa negra e, também, em fotografias de jornais e revistas da época. Então, o projeto virou numa outra direção inesperada. Pensei que iria escrever sobre o processo de desaparecimento e, em vez disso, acabei escrevendo sobre como aquela população se mantinha, mas no meio de uma sociedade que negava sua existência. E negava com sucesso, porque tantos imigrantes europeus haviam chegado que a população negra realmente havia se tornado uma porcentagem muito pequena do total populacional. E essa é a história que acabei contando. E então, quando voltei para os Estados Unidos e estava apresentando essas descobertas, as pessoas ficaram bastante interessadas e continuaram fazendo perguntas maiores sobre a história negra em outros países da América Latina, especialmente no Brasil. E eu pensei, bem, claramente há interesse na história negra na América Latina. Vou continuar com isso.

Fabiane Popinigis: Você fez sua pesquisa na Argentina em 1975 e ficou até o fim de 1976. Foi um período difícil, nos meses cheios de tensão, prévios ao começo da ditadura em março de 1976. Como foi a experiência de viver e fazer pesquisa naquele momento de grande violência política?

George Reid Andrews: Minha esposa e eu éramos muito jovens quando chegamos em Buenos Aires, eu tinha 24 anos e ela tinha 23. Era a primeira vez que morávamos fora dos Estados Unidos e não sabíamos muito sobre o mundo, não sabíamos muito sobre a América Latina além do que eu tinha lido em livros. Enquanto viajávamos para a Argentina, nós paramos em vários países ao longo do caminho, viemos pela costa do Pacífico e paramos em Santiago para visitar amigos da faculdade que moravam lá. O Chile também estava sob o regime militar naquela época e nós ficamos chocados. As pessoas que conhecemos lá nos contaram o quanto difícil as coisas estavam e era muito fácil perceber o clima pesado e repressivo. Também era inverno e Santiago fica muito nublada e sombria no inverno. Era uma situação muito sombria de todos os modos. Por isso, quando embarcamos no avião para ir para Buenos Aires, estávamos muito ansiosos sobre o que encontrávamos lá. Mas, Buenos Aires era meio similar a Santiago nesse sentido de tensão política, apesar de

ainda estar sob o regime formalmente democrático. O governo era de Isabel Perón, mas ele estava ligado à Aliança Anticomunista Argentina, a AAA.² O terrorismo estatal estava cada vez mais presente, as pessoas estavam desaparecendo etc. Além da guerrilha e os movimentos sindicais, a repressão estava atrapalhando especialmente os universitários, que eram as pessoas com quem estávamos em contato e tudo isso era uma atmosfera diferente de qualquer coisa que nós já tínhamos experimentado. Foi uma combinação estranha de uma atmosfera muito pesada, mas também muito frenética, porque as pessoas estavam extremamente ansiosas e muito emocionalmente expressivas sobre sua ansiedade. E elas estavam ansiosas não apenas sobre a política, mas também sobre a economia, porque a inflação estava em cerca de 250% naquele ano, e 700% em 1976. Isso criou um clima de grande incerteza, medo e tensão.

Em março de 1976, Isabel Perón foi deposta, os militares assumiram o governo e a repressão ficou absolutamente explícita. Você via a repressão na rua. Os *Falcons* da Ford andavam por lá sem placas de licença, às vezes com homens segurando armas do lado de fora dos carros.³ A repressão era muito visível e palpável nas ruas e nós realmente não sabíamos exatamente como nos comportar. Quando o golpe aconteceu, alguns amigos argentinos deixaram o país porque sabiam que estavam em grande perigo e foram para a Espanha ou outros países. Para nós, foi uma experiência para abrir os olhos, a experiência de ver o que é viver sob um governo fascista, sobre o que sabíamos no abstrato, mas nunca tínhamos visto de perto.

Fabiane Popinigis: Você contou que quando conversava com os argentinos sobre o tema da sua pesquisa eles lhe ouviam com incredulidade, pois compartilhavam da ideia da insignificância da presença africana na história do país. Como você vê a historiografia atual a respeito dos africanos e seus descendentes na Argentina e no Uruguai, que se multiplicou nesses países, tendo seu trabalho como referência fundamental até a atualidade?

George Reid Andrews: É muito emocionante ver isso. Nunca pensei que isso aconteceria, não passava pela minha cabeça. E, devo dizer, de novo, voltando a 1975 e 1976, que é verdade que a maioria das pessoas com quem eu conversava era incrédula que alguém me desse dinheiro para fazer pesquisa sobre um assunto que não existia. Eles diziam, o

2 A Aliança Anticomunista Argentina foi uma organização de extrema direita que executava inimigos políticos no período do governo peronista entre 1973 e 1976. AAAA foi responsável pelo assassinato de centenas de pessoas. Sua ação foi assim descrita: "Luego se organizaba un operativo para detener a la víctima. En general se la detenía en la casa o en la vía pública al grito de "Policía Federal". Se la rodeaba, se le colocaba una capucha y esposas y se la introducía en camionetas cuyas puertas indicaban "Ministerio del Interior" o "R. 2 Sec. Inteligencia". ROSTICA, Julieta. Apuntes sobre "la triple A". Argentina (1973-1976). **Desafíos**, Bogotá, n. 23-2, p. 21-51, semestre II de 2011.

3 O Ford *Falcon* era um tipo de carro produzido na Argentina durante 30 anos, cuja fabricação se iniciou em 1963. Era considerado um carro forte, resistente, seguro e muito espaçoso e foi um grande sucesso no país. Devido ao seu uso durante a repressão nos atos de violência, sequestro e desaparecimentos de civis durante a ditadura a partir de 1976, o carro, sobretudo em sua cor verde, associada aos militares, foi continuamente associado à memória daqueles anos de terrorismo de estado. REATI, Fernando. El Ford Falcon: un ícono del terror. **Revista de Estudos Hispânicos**, n. 43, 2009.

que você vai fazer o ano inteiro? Não há nada para descobrir! Mas alguns meses depois de chegar, conheci dois historiadores que estavam trabalhando sobre a comunidade negra: Ricardo Rodríguez Molas e Marta Goldberg.⁴ Conheci também alguns historiadores no Arquivo Nacional – Eduardo Saguier, Juan Carlos Garavaglia e Samuel Amaral – que trabalharam com documentos coloniais e do século XIX, e eles sabiam que as pessoas da ancestralidade africana continuavam aparecendo nesses documentos.⁵ Então, eles me encorajavam, me ajudavam muito, e me indicavam e sugeriam fontes.

Atualmente, 50 anos depois, é incrível quanta pesquisa está sendo feita! Estou realmente surpreso com tantas coisas ótimas que estão sendo publicadas. Penso, por exemplo, no livro de Maria de Lourdes Ghidoli, *Estereotipos en Negro*.⁶ Esse é um livro realmente espetacular, sobre duas coisas: primeiro, como os negros foram retratados na arte do século XIX na Argentina, e como essa mensagem da invisibilidade foi cultivada; e segundo, sobre como os artistas afro-argentinos tentaram responder e contestar esse processo de desaparecimento. Esse livro, esperamos, vai ser publicado com tradução em inglês nos próximos anos para que o público norte-americano possa ler. Também o livro de Paulina Alberto, *Black Legend*, que é tão importante.⁷ O volume coletivo que ela fez com Eduardo Elena e outros autores, *Rethinking Race in Modern Argentina*.⁸ E o livro de Lea Geler, *Andares negros, caminos blancos*.⁹ Alejandro Frigerio, Florencia Guzmán, Magdalena Candiotti – não posso ir mais longe porque não quero deixar ninguém fora!¹⁰ Acabei de receber um livro novo de Ezequiel Adamovsky, sobre a história do carnaval, que elabora um argumento superinteressante sobre como a negritude foi a base do carnaval do século XIX em Buenos Aires, até que as *comparsas candomberas* foram banidas em 1894.¹¹ Mas isso não significou o desaparecimento do candombe, que continuou a informar a cultura popular argentina no século XX. Então, muitos trabalhos interessantes estão saindo, e é muito gratificante de ver.

4 MOLAS, Ricardo Rodríguez. **La música y danza de los negros en el Buenos Aires de los siglos XVIII y XIX**. Buenos Aires: Clio, 1957. Idem. Negros libres rioplatenses. **Revista de Humanidades**, Buenos Aires, n. 1, p. 99-126. GOLDBERG, Marta. La población negra y mulata de la ciudad de Buenos Aires, 1810-1840. **Desarrollo Económico**, n. 16, p. 75-99, abr.-jun. 1976.

5 SAGUIER, Eduardo. **Mercado inmobiliario y estructura social**. El Río de la Plata en el siglo XVIII. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1993. GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Construir el estado e inventar la nación**: El Río de la Plata, siglos XVIII y XIX. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007. AMARAL, Samuel. **The Rise of Capitalism on the Pampas**: The Estancias of Buenos Aires, 1785-1870. New York: Cambridge University Press, 1998.

6 GHIDOLI, María de Lourdes. **Estereotipos en negro**. Representaciones y autorrepresentaciones visuales de afroportenos en el siglo XIX. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2016.

7 ALBERTO, Paulina. **Black Legend**: The Many Lives of Raúl Grigera and the Power of Racial Storytelling in Argentina. New York: Cambridge University Press, 2022. 510 p.

8 ALBERTO, Paulina; ELENA, Eduardo (ed.). **Rethinking Race in Modern Argentina**. New York: Cambridge University Press, 2016.

9 GELER, Lea. **Andares negros, caminos blancos**: afroportenos, estado y Nación Argentina a fines del siglo XIX. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2010.

10 FRIGERIO, Alejandro. **Cultura negra en el Cono Sur**: representaciones en conflicto. Buenos Aires: Facultad de Ciencias Sociales y Económicas de la Universidad Católica Argentina, 2000. GUZMÁN, Florencia. **Los claroscuros del mestizaje**. Negros, indios y castas en la Catamarca colonial. Córdoba: Encuentro Grupo Editor, 2010. CANDIOTTI, Magdalena. **Una historia de la emancipación negra**. Esclavitud y abolición en la Argentina. Buenos Aires: Ed. Siglo XXI, 2021. 270 p. GUZMÁN, Florencia; GELER, Lea; FRIGERIO, Alejandro (ed.). **Cartografías afrolatinoamericanas**. Perspectivas situadas desde Argentina. Buenos Aires: Biblos, 2016.

11 ADAMOVSKY, Ezequiel. **La Fiesta de los Negros**. Buenos Aires: Editorial Siglo Veintiuno, 2024.

Fabiane Popinigis: Passemos então ao Brasil. No seu livro, *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)*,¹² você conta que, junto com sua esposa, ficou um mês no Brasil depois de morar na Argentina, e que foi nessa viagem que você se interessou por estudar a história das relações raciais no Brasil. É compreensível, já que o Brasil recebeu 40% das pessoas do continente africano nas Américas através do tráfico atlântico, e é o segundo país do mundo com a maior população negra. Mas, por que justamente São Paulo? E quais foram as similaridades e particularidades com relação a outras regiões da América Latina onde as pessoas negras foram invisibilizadas até o ponto de desaparecerem das narrativas históricas?

George Reid Andrews: É verdade, depois de sair da Argentina, nós viajamos pelo Brasil por um mês. Nós fomos para a costa pacífica para ir para a Argentina, e depois voltamos pela costa atlântica para ir para casa, no final do ano, em dezembro de 1976. Claro, eu sabia que o Brasil era o centro da história negra na América Latina, todos sabem disso, e pensei que se fosse continuar nesse campo, eu deveria voltar para o Brasil para fazer pesquisa. Aí, com o sucesso do livro sobre a Argentina, eu percebi que talvez fosse uma boa ideia fazer isso.

Enquanto isso, eu estava lendo... porque, você sabe, é sempre bom ler fora do seu campo e ampliar um pouco os temas para os quais você tenta dar atenção. Havia vários livros que saíram nos EUA, no começo dos anos 1980, comparando a segregação racial e as relações raciais nos EUA e na África do Sul.¹³ A questão então era: como esses países chegaram a seus sistemas de segregação legalizada e o que os levou a isso? Porque esses sistemas não são muito frequentes na história do mundo. E os autores desses livros olharam muito para as relações de classe que estavam dirigindo a segregação. Eles perguntaram, por exemplo, qual era o papel dos trabalhadores brancos? Tendiam a ser a favor ou contra a segregação em cada um dos dois países? Qual era o papel da classe média branca? E qual era o papel das elites industriais, das elites financeiras e das elites comerciais? E assim por diante. Achei esses livros interessantes a ponto de escrever um artigo sobre eles, que não tinha nada a ver com o Brasil.¹⁴ Eu os estava lendo como exemplos de diferentes maneiras de fazer a história comparativa e foi aí que eu comecei a formular a ideia da pesquisa.

O Brasil é um caso famoso de uma sociedade na qual a segregação racial legalizada, codificada, nunca se materializou. Então eu me perguntei se poderia levar essas mesmas perguntas e esses mesmos métodos de análise e aplicá-los ao Brasil, para explicar por que aquele país **não** implementou a segregação. Ao mesmo tempo, eu dialogaria com outra

¹² ANDREWS, G. R.; Blacks and Whites in São Paulo, Brazil, 1888-1988. Madison: University of Wisconsin Press, 1991. ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo, 1888-1988**. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1998.

¹³ CELL, John W. **The Highest Stage of White Supremacy**: The Origins of Segregation in South Africa and the American South. New York: Cambridge University Press, 1982. FREDERICKSON, George M. **White Supremacy**: A Comparative Study in American and South African History. New York: Oxford University Press, 1981. GREENBERG, Stanley B. **Race and State in Capitalist Development**: Comparative Perspectives. New Haven: Yale University Press, 1980.

¹⁴ ANDREWS, George Reid. Comparing the Comparers: White Supremacy in the United States and South Africa. *Journal of Social History*, n. 20, v. 3, p. 585-599, 1987.

pergunta importante da historiografia brasileira: as relações raciais – como se chamava naquela época – no século XX teriam sido primariamente criadas por heranças da escravidão ou foram criadas por novas condições causadas pela industrialização, modernização e desenvolvimento econômico? Florestan Fernandes tinha argumentado que o Brasil recebeu da escravidão uma pesada herança de desigualdade social e racial, mas que, quando o Brasil se modernizasse e se transformasse numa sociedade mais capitalista, mais industrializada, mais urbanizada, essa herança seria gradualmente superada e que o Brasil finalmente seria capaz de integrar sua população negra à sociedade de classes, diferentemente do que aconteceu na África do Sul e nos EUA.

Então pensei, ok, isso está acontecendo? Fernandes escreveu, em meados do século XX, nos anos 1950 e 1960; agora, nos anos 1980 e 1990, estávamos vendo um processo de integração racial? Eu sabia, tanto pelas demandas do movimento negro quanto pelas pesquisas empíricas que se realizavam nesses anos, que não, e que o Brasil tinha grandes problemas com a desigualdade racial. Bem, se a integração racial não estava acontecendo, seria por motivos análogos aos processos que levaram à segregação na África do Sul e nos Estados Unidos? Havia algo parecido acontecendo no Brasil? Os trabalhadores brancos estavam lutando pelo privilégio racial de maneiras similares ao que eles fizeram nos EUA e na África do Sul? São as classes médias que protegem seu *status*? Qual era o papel dos patrões em tentar manter a diferença racial e a desigualdade ou, alternativamente, tentar superá-la? Para investigar isso, eu senti que tinha que fazer a pesquisa em São Paulo, a região do Brasil onde a industrialização, a modernização e a urbanização foram mais longe, e que também foi um centro importante da escravidão. Para aplicar o método, parecia que São Paulo era o lugar indicado. É por isso que eu fui para lá.

Fabiane Popinigis: Quando você chegou no Brasil, em 1984, o país estava experimentando um clima de otimismo devido ao processo de abertura política, a luta pela anistia, a onda de greves e a efervescência dos movimentos sociais que levariam ao fim da ditadura e à fundação de novos partidos políticos, como o Partido dos Trabalhadores. Como isso se refletiu na academia? Qual era o campo de estudos latino-americanos quando você chegou. Havia um campo? Conte-nos um pouco sobre a recepção por colegas no Brasil.

George Reid Andrews: Quando eu cheguei no Brasil, o campo dos estudos latino-americanos ainda não existia, pelo menos como eu o experimentei. No entanto, a maioria dos professores e alunos que eu conheci estavam muito interessados no que estava acontecendo, não só na América Latina, mas, claro, nos Estados Unidos, na Europa e no mundo inteiro. Também, quando cheguei, todos esses movimentos que você falou foram muito importantes, além de um movimento negro muito ativo, que começou a surgir na segunda metade dos anos 1970. E, finalmente, os pesquisadores interessados na história do trabalho, que era um campo de

estudos bastante desenvolvido em São Paulo naquela época, e hoje mais ainda. Acadêmicos interessados em história social, acadêmicos interessados em desenvolvimento do capitalismo etc. Aqueles historiadores do trabalho e do capitalismo não tinham dado muita atenção ao que era o papel da raça nesses processos, mas todos eles, todos com quem eu conversei, concordaram imediatamente que a questão da raça era importante, especialmente em relação à história do trabalho.

Naquela época, Emilia Viotti da Costa escreveu um artigo que teve um grande impacto sobre mim.¹⁵ O artigo foi uma espécie de estado da arte sobre o que estava acontecendo no campo da história do trabalho brasileira. Ao longo do texto, ela afirmava que um tema importante que ainda esperava uma pesquisa séria era o papel da raça na classe operária e nos movimentos operários. Como a raça é fundamental em todos os aspectos da sociedade brasileira, tinha que ser fundamental na história do trabalho também. Eu cheguei em São Paulo nesse momento, propondo olhar precisamente como a raça se manifestou nas relações de trabalho e de classe, e quase todas as pessoas que eu conheci me disseram, sim, legal, faça isso. Foi mais ou menos o contrário do que havia acontecido na Argentina.

Ao chegar em São Paulo, eu tinha uma afiliação com o Cedec, o Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, que havia sido fundado alguns anos antes e era um importante centro para estudos sobre o trabalho e os movimentos sindicais. Boris Fausto estava lá. Ele havia acabado de escrever seu livro *Trabalho urbano e conflito social*.¹⁶ Lúcio Kowarick¹⁷ estava lá, José Álvaro Moisés,¹⁸ várias pessoas estavam lá. Entrei em contato também com John French, que escreveu um livro sobre o ABC brasileiro,¹⁹ e ele me colocou em contato com Paulo Sérgio Pinheiro, que estava na Unicamp naquela época. Ele tinha acabado de organizar aquela coleção com Michael Hall, *A classe operária no Brasil: documentos*.²⁰

Paulo Sérgio Pinheiro me ajudou a entrar no arquivo da Eletropaulo, antigamente a São Paulo Tramway, Light and Power Company, para trabalhar com as fichas dos empregados da companhia. Conheci também Yara Khoury, da PUC-SP, e ela me ajudou a entrar no arquivo da fábrica têxtil Jafet. Nos dois arquivos, fiz um recenseamento das fichas para tentar entender as experiências dos trabalhadores negros e brancos quando eles entraram na empresa. Com qual frequência eles eram contratados? Quanto tempo eles ficaram? Qual tipo de trabalho eles

¹⁵ COSTA, Emilia Viotti da. Brazilian Workers Rediscovered. *International Labor and Working-Class History*, v. 22, p. 28-38, Fall 1982.

¹⁶ FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. São Paulo: Difel, 1976.

¹⁷ O trabalho mais conhecido é resultado de sua tese de livre docência: KOWARICK, Lúcio. *Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

¹⁸ Cientista político que já havia publicado livros sobre a greve dos 300 mil em São Paulo e sobre o novo sindicalismo. MOISÉS, José Álvaro. *Greve de massa e crise política* (estudo da greve dos 300 mil em São Paulo, 1953-1954). São Paulo: Polis, 1978. MOISÉS, José Álvaro. *Lições de liberdade e de opressão: o novo sindicalismo e a política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

¹⁹ FRENCH, John. *The Brazilian workers' ABC: class conflict and alliances in modern São Paulo*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1992. FRENCH, John. *O ABC dos trabalhadores: conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900-1950*. São Paulo: Editora Hucitec/Prefeitura de São Caetano do Sul, 1997.

²⁰ HALL, M. M.; PINHEIRO, P. S. (org.). *A classe operária no Brasil: documentos (1889-1930)*. v. I, O movimento operário. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.

faziam? Qual tipo de salário eles pagavam? Era esse tipo de informação que eu procurava naqueles documentos.

Outra pessoa que me ajudou enormemente foi a antropóloga Miriam Nicolau Ferrara.²¹ No curso das suas próprias pesquisas, ela havia entrevistado José Correia Leite, Raul Amaral, Francisco Lucrécio e outras figuras do ativismo negro da primeira metade do século, e tinha montado uma grande coleção de jornais negros. Tratava-se do arquivo pessoal dela, que hoje está na Universidade de São Paulo.²² Mas naquela época a coleção estava na casa dela e Miriam muito generosamente me convidou a ir lá para trabalhar com os jornais. Isso foi indispensável para a minha pesquisa, porque os jornais são uma fonte muito concentrada sobre o pensamento negro e sobre como a comunidade negra funcionava durante a primeira metade do século XX.

Outras pessoas também me ajudaram. No Rio, conheci Carlos Hasenbalg,²³ com quem tive uma relação muito fraternal. Lá também o pessoal da sede do IBGE me ajudou muito, fazendo algumas tabelas estatísticas especiais. Também tive uma convivência muito rica com alguns dos militantes negros. Conheci Hamilton Cardoso e sua esposa, Dulce Pereira, que depois foi presidente da Fundação Palmares, e conversei várias vezes com o sociólogo Clóvis Moura.²⁴ Eu acompanhava também o Conselho para a Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado de São Paulo, um tipo de comissão negra, com representantes de todas as secretarias estaduais; eu me encontrava com os integrantes do conselho e conversávamos. Eu me lembro de Hélio Santos, Ivair Augusto Alves dos Santos, Nelson Arruda, Maria Aparecida Bento e outras pessoas mais.

Então, em quase todos os lugares aonde eu fui, a recepção era muito positiva. Mas infelizmente a minha capacidade de interagir com os círculos acadêmicos locais foi um pouco limitada, porque eu passava todos os dias submerso nos arquivos das duas companhias (Jafet e a Light de São Paulo). As fichas eram muito demandantes para trabalhar, porque eu estava tomando amostras estatísticas, e demorou meses para eu fazer esse trabalho, no processo de preencher as fichas de computador que usávamos naqueles dias, codificando e tabulando todas as variáveis que eu estava tentando estudar. É apenas um capítulo no livro, mas representava, provavelmente, seis dos 12 meses que eu passei em São Paulo.

De qualquer forma, eu estava tão escondido no arquivo que eu provavelmente não me relatei tanto com a comunidade intelectual local como eu poderia e deveria ter feito. Fiz mais contato com os pesquisadores brasileiros em 1988, quando eu voltei para encerrar a pesquisa, mas também para acompanhar os eventos do centenário da abolição da escravidão. Nesse

21 Ver: FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo: FFLCH-USP, 1983.

22 Disponível em: [http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/](http://biton.uspnet.usp.br/imprensaneagra/). Acesso em: 2 abr. 2025.

23 Sociólogo argentino reconhecido pelo seu trabalho sobre as relações raciais no pós-abolição. Por ex. ver: HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. Ele também foi diretor do Centro de Estudos Afro-Asiáticos entre 1986 e 1996, e editor da *Revista Estudos Afro-Asiáticos*.

24 Sociólogo e historiador conhecido pelos seus trabalhos pioneiros sobre a resistência negra, quilombos e fugas. Seu primeiro livro foi *Rebeliões na senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas* (1959).

momento, a sociedade brasileira estava olhando para o que aconteceu em 1888 e os 100 anos depois disso. Foi um mês (de maio) incrivelmente rico, porque todas as universidades estavam financiando simpósios, seminários, eventos, conferências e tal. Eu conheci muitas pessoas, incluindo a nova geração de historiadores de trabalho e de escravidão que estava defendendo suas teses de doutorado, no início das suas trajetórias profissionais, como Silvia Lara, Sidney Chalhoub, João Reis, Leila Algranti, Célia Azevedo, Maria Helena Machado. E, de novo, a recepção foi muito positiva. Eles estavam interessados em ouvir o que eu estava encontrando.

Fabiane Popinigis: Essa sua passagem pelo Brasil no centenário da abolição, em 1988, virou um capítulo do seu livro. Você argumentou que, enquanto parte da militância negra considerava que a abolição havia sido “uma mentira e uma farsa”, pois os negros continuavam sofrendo com a pobreza e o racismo, os eventos acadêmicos organizados em função da efeméride estavam muito relacionados ao passado da escravidão e da abolição, mas abordavam pouco ou quase nada as desigualdades raciais no século XX.²⁵

George Reid Andrews: Pois bem, esse era o campo naquela época, muito focado na escravidão. Essa foi uma razão pela qual as pessoas me deram tão boa resposta. Elas disseram, é tão bom que você está pesquisando o século XX! Estamos trabalhando com a escravidão, é muito importante, mas há mais história do que apenas a escravidão. Especialmente se quisermos explicar por que as coisas parecem do jeito que são hoje.

Fabiane Popinigis: Por isso, também, *Negros e Brancos em São Paulo* é um livro pioneiro, já que você concentrou a pesquisa no impacto do racismo e as relações de raça entre trabalhadores negros *após* a abolição. A intersecção entre raça e classe, em perspectiva histórica, é um tópico atualmente muito caro ao público da *Revista Mundos do Trabalho*. Por isso, seria interessante se você falasse um pouco mais sobre a relevância dessa conexão, já que essas dimensões nem sempre aparecem conectadas ou são levadas em conta conjuntamente.

George Reid Andrews: Sim, isso é verdade. Você sabe que, por muito tempo, a abordagem da história do trabalho no Brasil foi muito estrutural, uma abordagem baseada em classe,

²⁵ “Nem todos que comemoravam o 13 de Maio compartilhavam deste interesse pela situação contemporânea. Várias agências governamentais, tanto em São Paulo quanto no nível nacional, decidiram concentrar suas atividades exclusivamente na escravidão. Em São Paulo, por exemplo, o Arquivo do Estado comemorou a data com a exposição pública ‘Fontes para a História da Escravidão em São Paulo’; e a Universidade de São Paulo sediou o Congresso Internacional da Escravidão, que abrigou centenas de intelectuais do Brasil, Estados Unidos, Europa e outros países latino-americanos. Estas comemorações serviram ao importante propósito de recordar aos Brasileiros os 300 anos de escravidão em seu país, e as maneiras profundas pelas quais essa experiência moldou a sociedade e a civilização brasileira. Mas este enfoque da escravidão em geral tendia a desviar a atenção do cenário contemporâneo.” Em ANDREWS, op. cit., p. 345-346, 1988.

que não tomou muito em conta a raça e o gênero. E de volta para o artigo de Emilia Viotti da Costa, ela disse (em 1982) que o papel da raça na classe operária era um tema prioritário que precisávamos pesquisar. Então, talvez também por causa da efervescência do movimento operário naquela época e a participação de grandes quantidades de trabalhadores negros junto com trabalhadores brancos nesse movimento foi que algumas pessoas estavam vendo a necessidade de começar a pensar sobre a raça em relação à classe trabalhadora, em relação à formação de classe e em relação às organizações dos trabalhadores também. Como, por exemplo, a composição racial dos sindicatos. E ainda mais importante do que a composição racial dos sindicatos em geral, qual foi a composição das lideranças desses movimentos? Novamente, as pessoas com quem eu falava, que estavam interessadas em estudos de trabalho, concordaram que pesquisar as dimensões raciais dos movimentos operários era importante, que esse era o trabalho que precisávamos fazer.

Depois de escrever o livro sobre o Brasil, continuei voltando. Durante os anos 1990, assisti a várias conferências, todas muito interessantes. Mas as conferências se centravam principalmente em questões raciais contemporâneas, em questões de ação afirmativa, sobre políticas públicas, o que o governo deveria estar fazendo, e assim por diante. E aí perdi contato com o campo da história do trabalho.

No início dos anos 2000, quando fui fazer pesquisa no Uruguai,²⁶ tentei ficar em contato com o que estava acontecendo nos estudos sobre o Brasil, mas sem muito sucesso. É realmente difícil, quando você muda de enfoque de país para país, manter o conhecimento do que está acontecendo em cada um deles. Então, tenho o sentido geral de que a necessidade de incorporar a raça no estudo da classe, e vice-versa, é amplamente reconhecida hoje pela maioria das pessoas que trabalham nesses campos. Não posso citar a evidência específica para mostrar que isso realmente está acontecendo, mas minha hipótese é de que sim.

Fabiane Popinigis: Ainda no seu livro *Negros e brancos em São Paulo*, você menciona que estava interessado numa “história vista de baixo”, que tratasse das pessoas comuns e dos dominados, como pessoas que “participam do processo de criação, e não apenas como vítimas desamparadas”, sobretudo buscando compreender como suas ações e suas lutas podiam ter consequências importantes para os sistemas políticos em que estavam inseridas. Quais foram as referências principais na sua formação para formular essa compreensão e elaborar perguntas e metodologias de pesquisa? Quais eram os principais debates historiográficos que circulavam na época nesse sentido e com o quê dialogavam?

George Reid Andrews: Eu sempre me sinto mal preparado para responder essa pergunta. Minha formação na graduação, três anos na Universidade de Wisconsin, foi muito limitada ao

²⁶ ANDREWS, G. R. **Blackness in the White Nation**: A History of Afro-Uruguay. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2010. ANDREWS, G. R. **Negros en la nación blanca**: historia de los afro-uruguayos, 1830-2010. Montevideo: Librería Linardi y Risso, 2011.

que os acadêmicos norte-americanos estavam produzindo sobre a América Latina naquela época. Nós lemos um monte de histórias do século XIX e do século XX, histórias coloniais, livros que tinham sido publicados nos últimos cinco a dez anos. Nenhum desses livros era muito aventureiro teoricamente, eram investigações muito mais empíricas. Ainda tenho alguns desses livros nas minhas estantes aqui, e nenhum deles me fez pensar em termos de inovações metodológicas.

O meu encontro com a história “vista de baixo” aconteceu em diálogo com outros livros que tentaram fazer isso para os Estados Unidos, e especialmente no campo da história negra. Eu penso no livro de Ira Berlin sobre os negros livres no sul dos Estados Unidos, no livro de Leon Litwack sobre os negros livres nos estados do norte, no livro de Herbert Gutman sobre a família negra.²⁷ Esses livros e outros como eles foram todos esforços sérios para descobrir o que estava acontecendo entre essas populações que não haviam sido seriamente investigadas, e como eles protagonizaram sua própria história.

Quando eu cheguei ao Brasil, Paulo Sérgio Pinheiro e Michael Hall tinham acabado de produzir essa coleção de documentos sobre a classe trabalhadora, o que parecia, para mim, orientada exatamente nessa mesma linha: os diálogos entre trabalhadores falando sobre si mesmos, e as elites e as autoridades estaduais falando sobre trabalhadores, e como eles precisavam ser regulados e controlados, e assim por diante. Eram esforços sérios para entender o que estava acontecendo em partes da sociedade que não haviam sido estudadas historicamente.

Mas o que realmente me abriu os olhos foram os jornais negros, nos quais encontrei, de forma muito concentrada, os membros daquela comunidade – que eram muito difíceis de achar, empiricamente, na pesquisa histórica. E eles estavam escrevendo sobre si mesmos, sobre como viviam, o que faziam, o que pensavam, quais eram os grandes problemas que estavam enfrentando. Quando você encontra uma fonte como essa, você “escuta” com muita atenção o que está lá e tenta comunicar isso para o leitor. Esse é o método que eu uso.

Uma outra forma de pesquisar a história de baixo eram os registros de trabalhadores, os registros de emprego. Trata-se de uma fonte muito difícil de trabalhar, por serem tão fragmentados e secos. É necessário fazer uma “leitura a contrapelo”, pois eles foram criados para fornecer informações ao patrão e também ao sistema da previdência social. Então eles são realmente bem secos e não dão sentido às pessoas. Por isso tentei utilizá-los agregando-os em bases de dados e analisando-os estatisticamente. Os registros também contêm fotografias, algumas delas bastante eloquentes, mas não consegui pensar no que fazer com elas. Eles também contêm os nomes das pessoas, e eu anotei os nomes, mas não consegui uma maneira de usá-los na pesquisa.

²⁷ BERLIN, Ira. **Slaves without Masters: The Free Negro in the Antebellum South**. New York: Pantheon Books, 1974. LITWACK, Leon F. **The Negro in the Free States, 1790-1860**. Chicago: University of Chicago Press, 1961. GUTMAN, Herbert G. **The Black Family in Slavery and Freedom, 1750-1925**. New York: Pantheon Books, 1976.

Tudo isso é para dizer que, salvo as metodologias estatísticas, nunca fui ensinado a fazer isso que eu fiz. Mas eu, sim, sabia que o importante era tentar “ouvir” o que as pessoas estavam dizendo naquela época, e tentar estar alerta a como eles estavam agindo, tanto como indivíduos quanto coletivamente.

Fabiane Popinigis: Você recentemente publicou o livro *Afro-Latin-American Studies*, de 2018, em coautoria com Alejandro de la Fuente,²⁸ no qual você escreveu um capítulo chamado “Desigualdade: Raça, Classe, Gênero”, adicionando o gênero às categorias essenciais na construção e reprodução das desigualdades e refletindo sobre o conceito da interseccionalidade. Aqui você recupera e atualiza elementos que já tinha incluído no seu trabalho anterior, como o lugar das mulheres negras no mercado de trabalho, e aprofunda essas perguntas com um foco no gênero, a partir da persistente desigualdade salarial. Por que você decidiu fazer essa categoria mais explícita e apontá-la como um elemento importante para guiar futuras pesquisas no campo dos *Estudos da América Afro-Latina*?

George Reid Andrews: Quando escrevi o livro *América Afro-Latina*, publicado em 2004,²⁹ a pesquisa sobre gênero e mulheres entre as populações negras estava começando a se desenvolver, mas não até o ponto que me possibilitaria uma discussão aprofundada sobre esses temas. Em 2018, a literatura sobre as mulheres e o gênero tinha chegado a ser bastante forte, necessitando sua inclusão no artigo como uma dimensão distinta e específica da desigualdade, conectada às outras dimensões da classe e da raça.

Na pesquisa sobre São Paulo, eu tinha certamente percebido os assuntos relacionados ao gênero quando estava lendo os jornais negros, mas eu não conseguia me arriscar o suficiente naquela época. E, também, voltando às minhas primeiras perguntas de pesquisa, elas focavam a classe e não o gênero. Mas, em 2018, houve tanta discussão sobre a questão do gênero e suas conexões com a raça que eu tive que incluí-la. As feministas negras brasileiras foram muito importantes em promover essas discussões, como Beatriz Nascimento, Lélia González, Sueli Carneiro, entre outras.

Tem também a literatura que se desenvolveu na sociologia sobre a questão que você levantou, as diferenças salariais, que é um modo importante de medir a desigualdade racial. Diferenciais de salário não só entre negros e brancos, por exemplo, que era o meu foco no livro sobre São Paulo, mas entre homens negros, homens brancos, mulheres negras, mulheres brancas. E aí voltamos às feministas negras que teorizaram o fenômeno da tripla discriminação:

²⁸ ANDREWS, George Reid; DE LA FUENTE, Alejandro. *Afro-Latin American Studies*: An Introduction. New York: Cambridge University Press, 2018. Idem. *Estudios afrolatinoamericanos*: Una introducción. Buenos Aires: Consejo Latino-americano de Ciencias Sociales (Clacso), 2018. Idem. *Estudios afro-latino-americanos*: uma introdução. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (Clacso), 2018.

²⁹ ANDREWS, George Reid. *Afro-Latin America, 1800-2000*. New York: Oxford University Press, 2004. Idem. *América Afro-Latina, 1800-2000*. São Carlos: Editora da Universidade Federal de São Carlos, 2007. *Afro-Latinoamérica, 1800-2000*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2007.

discriminação baseada em gênero, baseada em raça e baseada na pobreza. Com certeza essa teorização foi completamente confirmada pelos dados empíricos, que mostram que a discriminação racial é uma coisa que existe, a discriminação de gênero é outra coisa que existe, e quando você as coloca juntas, o grupo que sofre todas essas discriminações, que são as mulheres negras, será o que mais sofrerá discriminação em termos de desigualdade de salário e todas as áreas da vida social e econômica.

Outro motivo final para incluir o gênero: as organizações de mulheres negras na virada do século XXI. Não só no Brasil, mas em vários países latino-americanos, as mulheres negras sentiram a necessidade de criar suas próprias formas de ativismo, especificamente destinadas a lidar com suas próprias necessidades. Essas organizações não estavam tão no centro da cena quando eu estava no Brasil nos anos 1980, mas passaram a ter cada vez mais presença e mais impacto na sociedade ao entrar o novo século. Essas organizações também têm um grande papel em mostrar-nos por que temos que levar o gênero tão a sério quando analisamos essas formas de desigualdade.

Fabiane Popinigis: Nesse mesmo artigo, você discutiu a importância das políticas públicas baseadas em indicadores de classe social para reduzir as desigualdades na América Latina. Você considera que essas iniciativas baseadas em classe foram e são efetivas para diminuir desigualdades raciais? Elas também ajudam a combater o racismo ou são coisas diferentes?

George Reid Andrews: Para mim, o racismo e a desigualdade racial não são a mesma coisa, são fenômenos distintos. O racismo consiste nas ideias e ideologias sobre a suposta existência das raças: o que são os grupos raciais, quais são as suas qualidades inerentes, como são os comportamentos dos seus integrantes etc. Nos últimos anos, muitas pessoas usam o conceito de racismo para se referir ao que eu chamaria de desigualdade racial: uma situação em que os bens da sociedade – a educação, o emprego, o salário, a saúde – estão distribuídos duma maneira desigual entre os grupos raciais. Por exemplo, quando as pessoas negras recebem em média X anos de educação e as pessoas brancas recebem em média X + 4 ou 5 anos de educação. E aqui, nessa área de desigualdades específicas e mensuráveis entre brancos e negros, acredito que as políticas públicas baseadas em classe podem ter grandes impactos no sentido de reduzir a desigualdade racial. Por exemplo, o programa Bolsa Família, que paga às famílias pobres para manterem seus filhos na escola. Como a grande maioria daquelas crianças pobres é negra, quando o governo implementou essa política, os diferenciais raciais na inscrição na escola primária e, em menor grau na escola secundária também, imediatamente caíram. Os aumentos no salário mínimo nas décadas de 1990 e 2000 tiveram impactos igualmente dramáticos no sentido de reduzir as desigualdades econômicas entre famílias brancas e negras.³⁰

³⁰ ANDREWS, George Reid. Racial Inequality in Brazil and the United States, 1990-2010. *Journal of Social*

Fabiane Popinigis

Então eu sou um grande fã desse tipo de política. No entanto, você perguntou se essas políticas podem afetar o racismo. Se definirmos o racismo como as ideias que as pessoas têm sobre a raça e, portanto, sobre outras pessoas baseadas em raça, aqui temos evidências que sugerem que essas políticas de reduzir a desigualdade não necessariamente reduzem a incidência e a prevalência de ideias e comportamentos racistas. E nisso Cuba é um bom caso, onde as políticas públicas das décadas de 1960 e 1970 reduziram enormemente as desigualdades raciais no emprego, na educação, na saúde e em outros aspectos da vida. Mas, durante esse mesmo período, as ideias racistas e os preconceitos raciais permaneceram mais ou menos intactos, para depois ressurgirem durante o Período Especial dos anos 1990, como de la Fuente e outras pessoas já examinaram.³¹ Então, para mim, o primeiro passo é tentar reduzir as desigualdades mensuráveis em tudo o que for possível, e políticas baseadas na classe podem fazer um enorme progresso nessa direção.

Fabiane Popinigis: Para terminar, como estamos conversando poucos dias depois das eleições nos Estados Unidos, em que Donald Trump foi eleito, você poderia falar um pouco sobre o que aconteceu nessa eleição, pensando a partir do histórico das outras eleições? Os Estados Unidos nunca tiveram uma mulher na Presidência, e nesse caso a candidatura Democrata foi representada por uma filha de imigrantes autodeclarada negra. A questão da imigração, principalmente aquela oriunda da América Latina, foi crucial na disputa, e se radicalizou desde a última eleição nos Estados Unidos em 2020. Além disso, tanto o recorte racial como o de classe se moveram para a direita. Como você interpreta esse movimento?

George Reid Andrews: Para os setores progressistas do país é um momento de profunda deceção. Enquanto Donald Trump superou sua votação de 2020 por 2,6 milhões de votos (74,2 milhões em 2020, 76,8 milhões em 2024), Kamala Harris recebeu sete milhões de votos menos da votação que recebeu Joe Biden em 2020 (82,3 milhões em 2020, 74,3 milhões em 2024). As coalisões que apoiaram Biden em 2020 não voltaram a ocorrer para apoiar Harris, ou pelo menos não nos níveis suficientes para assegurar a vitória dela.

Um aspecto notável da eleição é que, em comparação com os outros países industrializados, os programas da administração Biden produziram de longe a recuperação econômica mais forte, e de longe, o crescimento mais rápido. Mas, o eleitorado aparentemente não sentiu os efeitos desses programas, e um grande número de votantes ficou em casa no dia das eleições.

History, n. 47, v. 4, p. 829-854, 2014. ANDREWS, George Reid. Desigualdade racial no Brasil e nos Estados Unidos, 1990-2010. **Afro-Ásia**, n. 51, p. 141-174, 2015.

³¹ DE LA FUENTE, Alejandro. **A Nation for All**: Race, Inequality and Politics in Twentieth-Century Cuba. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2001. O Período Especial refere-se à crise econômica dos anos 1990, quando a URSS deixou de existir, deixando a ilha sem os massivos subsídios que a União Soviética forneceu durante as décadas de 1970 e 1980.

O racismo e/ou a misoginia tiveram algum papel na derrota de Harris? Não tenho dúvida que essas atitudes contribuíram para o resultado, mas não acho que elas possam explicar uma abstenção de sete milhões de votos. Harris sofreu os efeitos de ter presidido o país junto com Biden no período da covid-19. No mundo inteiro, os governos que exerciam o poder durante esse período de profunda crise e mal-estar têm sido rejeitados nas urnas.

Agora estamos entrando em um período de grandes perigos e riscos. O objetivo de Trump é o de governar de uma maneira autoritária e sem freios, e ele tem todas as condições para consegui-lo. O Partido Democrata não controla nenhuma câmara do Congresso, a Corte Suprema está firmemente alinhada com ele e o Partido Republicano mais ainda. Eu sempre procuro ser otimista nas minhas avaliações, mas este momento não deixa muito lugar para o otimismo.

Nesse sentido, é muito mais agradável falar do passado do que do presente, e agradeço sinceramente esta oportunidade de conversar com você e com os leitores e as leitoras da *Revista Mundos do Trabalho*.

Recebido em: 24/03/2025

Aprovado em: 31/03/2025